

elementos determinantes e reduzimo-lo a uma entidade abstracta, livre, incondicionada. — «coisa» é então um símbolo absoluto, que flutua independente no campo mental. Êle fica acima e para além das condições reais, pela razão simples de que cortamos as ligações com os seus correlatos; «transcende» assim os correlatos, e portanto o fenómeno; ficava acima e além dêles: é um símbolo, um conceito transcendente. Dotemo-lo agora do conteúdo que lhe retiramos pelo corte de ligações, introduzindo-lhe realidade e substância com a extensão da intuição existência. «Coisa» então existe «em si», incondicionada, inatingível e incognoscível, real, absoluta, essencial. Tal é o «Noumêno», e tôda a realidade transcendente, qualquer que seja a roupagem simbólica com que se veste, base de tôda a metafísica do real; o realismo transcendente. Se o Noumêno fôr espirito, temos o espiritualismo transcendente, etc. Se o Noumêno fôr deus, temos todas as teologias transcendentales, etc. O mesmo succede com os prototipos ideais platónicos e kantianos, com o *à priori* conceitual.

O Belo Absoluto, por exemplo, é assim construído. O Belo tem a sua origem empírica e psicológica em certas relações, variáveis e complexas existentes entre formas e emoções. Abstraído o que há de comum em tais relações, e conjugada tal abstracção com uma espécie de absoluto geométrico (forma absoluta) temos o Belo Absoluto. Mas as conexões psicológicas do Belo e do Bem, permitem atingir um conceito mais artificial, ainda, um prototipo platónico que é já uma forma teista.

O sistema platónico é de resto um excelente exemplo da completa inversão dos processos psicológicos legítimos do pensar. Êle parte dos correlatos para a relação suprema, e aumenta esta deixando-a suspensa no ar, sob a forma de um símbolo: daí depois é deduzido todo o resto. O que determina esta inversão geral, que faz do sistema uma espécie de pirâmide paradoxalmente investida, e sustentando-se sobre o vértice? O temperamento estético e místico de Platão, mais poético e artista ainda do que místico, como Platão é mais místico do que artista. Assim se da obra de Platão retomamos os elementos lógicos e empíro-lógicos magníficos que aí estão encastoados, fica apenas esta construção

paradoxal nutrida de concepções estéticas perfeitamente visíveis: o Demíresgo — artista modelando o mundo em face de um prototipo, etc. Esta concepção estética de origem empírica é aí copulada com o Absoluto construído como acima foi dito.

O sistema de Platão é assim um puro sistema psicológico, pseudo-lógico copulado com elementos emotivos; são êstes que dão ao todo uma certa beleza poética, razão essencial da sua fascinação. Parménides é muito mais pensador, mas o seu sistema é uma construção sobretudo tautológica. Ora as metafísicas tautológicas enfermam do mesmo vício acima descrito, isto é, cortam todas as ligações entre as grandes relações abstractas e os correlatos últimos que mergulham no Real. Outro exemplo típico destas construções metafísicas é o uso que os metafísicos fazem do Nada, de que é caso típico e histórico o Budismo. O emotivo paroxístico, conjugado com uma dialéctica pseudo-lógica, constrói com os processos descritos, os sistemas mais paradoxais da metafísica hindú.

Entre nós é exemplo típico e actual o famoso Heidegger, cujo pitoresco trecho seguinte foi tornado célebre pela análise de Carnap:

«On ne doit étudier que l'être; en dehors de lui-néant; l'être seul et au delà-néant; l'être unique et au-dessus de lui-néant.

*Qu'en est-il de ce néant?... Y a-t-il le Néant seulement parce qu'il y a le «ne pas», la négation? Ou, inversement, la négation n'est-elle que parce qu'il y a le Néant?... Nous affirmons ceci: le Néant est antérieur au «ne pas» et à la négation... Oú cherchons le Néant?... Nous connaissons le Néant... L'angoisse révèle le Néant... En présence de quoi et pourquoi nous éprouvons de l'angoisse, c'était «à proprement parler»... néant. En effet le Néant même — en tant que tel — «était là»... Qu'en est-il de ce néant?... «Le Néant même-néant».*

Êste trecho, de um pitoresco metafísico completo, espécie de «caricatura metafísica» foi analisado logicamente por Carnap (1) que mostrou a sua total vacuidade lógica. Não temos pois que nos preocupar com êste ponto de vista; mas o trecho em questão é um exemplo típico da construção

(1) Carnap, «La Science et la Métaphysique devant l'analyse logique du langage».